

A Tradução Engenhosa de Joaquim Guerra: O Caso de *Analectos* VII, 11

ANTÓNIO JOSÉ BEZERRA DE MENEZES JR.*

1. INTRODUÇÃO

Joaquim A. de Jesus Guerra S.J. (1908-1993) foi um dos mais destacados missionários portugueses que actuaram na China no século xx, tendo passado a maior parte de sua vida no Oriente, particularmente na antiga colónia portuguesa de Macau.

Paralelamente às actividades missionárias, desenvolveu um extenso e inédito trabalho de tradução dos clássicos chineses. Entre as décadas de 1970 e 1980, Joaquim Guerra dedicou-se a traduzir para o português todo o cânone confuciano, conhecidos como “Os Quatro Livros e os Cinco Clássicos” (*Sishu Wujing* 四书五经). Além disso, traduziu ainda a “Prática da Perfeição”, também conhecido por *Dao De Jing* 道德经 de Laozi 老子, principal obra da escola taoista. Estas obras são da máxima importância, pois constituem o grande património cultural da China antiga, o que moldou a identidade cultural do Extremo Oriente.

Joaquim Guerra também escreveu um importante dicionário chinês-português, que se tornou o instrumento principal no seu trabalho de tradução. Nesse dicionário, recuperou significados arcaicos de

muitos ideogramas usados na antiguidade chinesa. Escreveu ainda alguns cursos e estudos de chinês e cantonês, entre outras obras. Essa imensa produção coloca-o indubitavelmente como o mais profícuo e importante sinólogo português da sua geração.

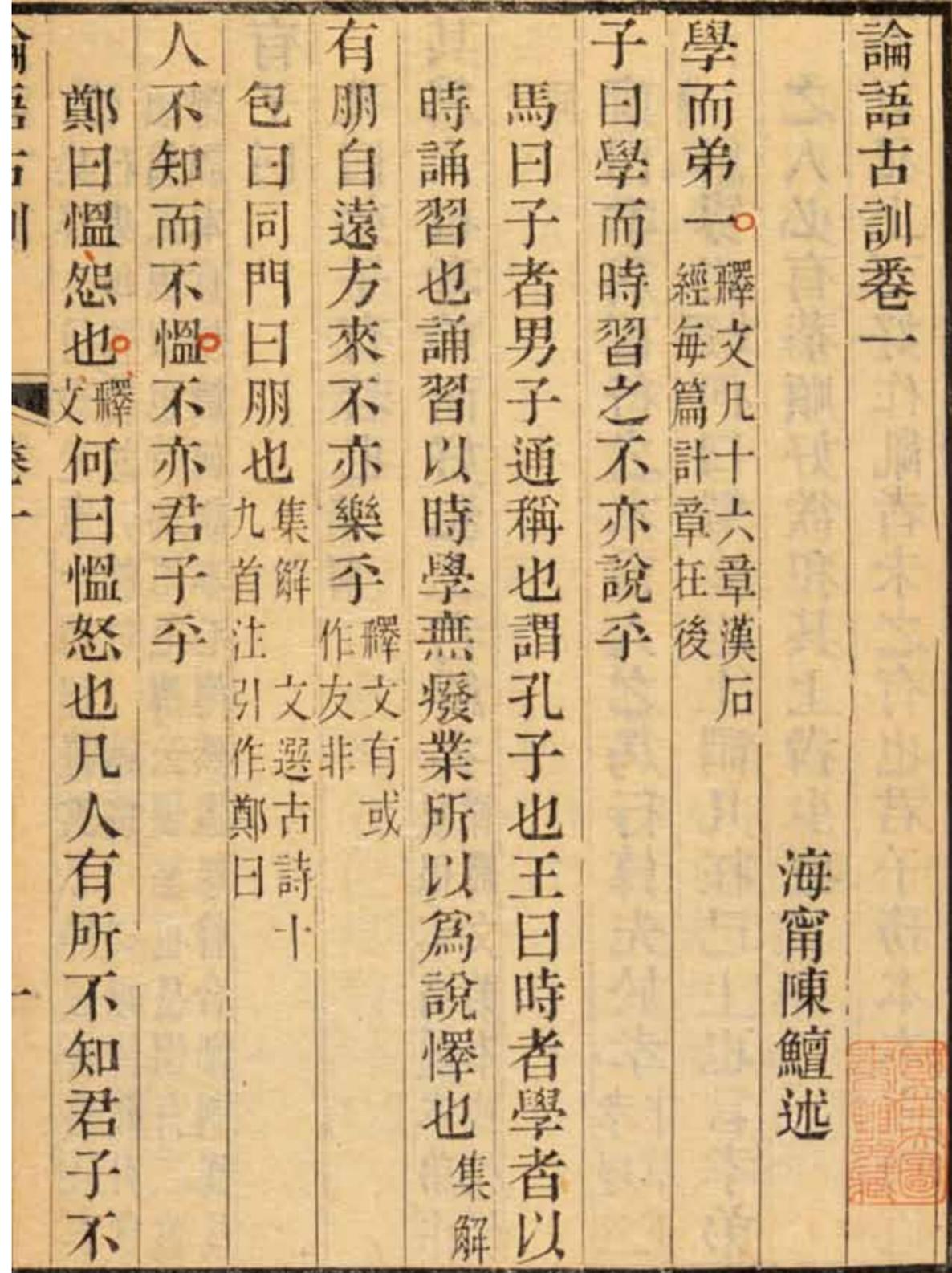
A tradução dos clássicos chineses feita por Joaquim Guerra é antes de mais nada uma obra de fôlego e de grande erudição. No seu conjunto compreende catorze volumes num total de mais de doze mil páginas.

No Ocidente, o único paralelo é a tradução feita pelo pastor escocês James Legge (1815-1897), missionário na China e primeiro professor de chinês em Oxford. Uma parte do trabalho de Legge foi publicado na colecção “The Chinese Classics” (1861-1872) e a outra foi inserida na colecção “Sacred Books of East” (1879-1885), organizada por Max Müller (1823-1900). O trabalho de Legge ainda é considerado como a principal obra de referência no estudo dos clássicos chineses. Não por acaso, Joaquim Guerra irá optar por traduzir praticamente o mesmo repertório escolhido por James Legge, com o qual irá travar uma intensa relação dialógica, ora elogiando-o, ora refutando-o.

Depois da monumental obra de James Legge, tido como a maior autoridade no estudo dos clássicos chineses, as traduções subsequentes pouco avançaram na elucidação de certas passagens difíceis e obscuras do original chinês. O facto é que poucos ocidentais estavam capacitados para fazer a revisão crítica da obra de Legge

* Licenciado em Língua e Literatura Chinesa pela Universidade de São Paulo, onde se doutorou em Literatura Portuguesa. Actualmente é professor do Curso de Chinês na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas daquela Universidade, actuando principalmente nos seguintes temas: Poesia Chinesa Clássica e História da Revolução Cultural.

Graduate in Chinese Language and Literature and Ph.D. in Portuguese Literature from the University of São Paulo (Brazil). Currently he is Professor of the Chinese Course in the Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences at the same University, acting mainly on the following themes: Classical Chinese Poetry and History of the Cultural Revolution.



論語古訓卷一

海甯陳鱣述

學而弟一

釋文凡十六章漢石經每篇計章在後

子曰學而時習之不亦說乎

馬曰子者男子通稱也謂孔子也王曰時者學者以

時誦習也誦習以時學無廢業所以為說懌也 集解

有朋自遠方來不亦樂乎

釋文有或作友非

包曰同門曰朋也

集解九首注引作鄭曰

人不知而不愠不亦君子乎

鄭曰愠怨也

釋文

何曰愠怒也凡有人有所不知君子不

TRADUÇÃO

TRANSLATION



Zhu Xi

em bases etimológicas, ou mesmo dispostos a contrariar a interpretação neoconfuciana dos clássicos chineses que se tornou corrente entre os intelectuais chineses desde o século XII.

Joaquim Guerra decidiu fazê-lo com grande independência e ousadia.

As suas notas críticas, que mostram passo a passo o seu trabalho de tradução, revelam um sinólogo de ténpera, bastante inspirado e original. O resultado final é a elucidação de muitas passagens até então obscuras e uma completa reorientação de certas concepções cristalizadas pelo neoconfucionismo, cuja interpretação é seguida por James Legge e pela grande maioria dos tradutores.

A essência do método de Joaquim Guerra consistia em recuperar, nessas passagens, significados raros e pouco usuais dos caracteres chineses que, no

entanto, actualizavam as passagens tornando-as mais congruentes com as linhas mestras do pensamento confuciano original. Para isso, Joaquim Guerra elaborou um grande dicionário chinês-português intitulado *Dicionário Chinês-Português de Análise Semântica Universal*, publicado, em Macau, no ano de 1981. Este dicionário foi elaborado a partir de antigos léxicos, pois a cultura chinesa antiga não nos legou gramáticas estruturadas (como no caso do sânscrito), mas, em compensação legou-nos léxicos preservando a unidade da escrita frente à grande diversidade dialectal da China. Joaquim Guerra notou que esses léxicos apresentavam muitos significados que já não se encontravam na literatura chinesa existente na sua época. São esses empregos raros e inusitados que Joaquim Guerra considera quando o sentido dos textos confucianos parece ininteligível.

Apresentamos a seguir uma breve análise da tradução de Joaquim Guerra para *Analectos* (*Lunyu* 论语) VII, 11, passagem na qual podemos constatar toda a engenhosidade e agudeza do método de Joaquim Guerra.

2. BREVE ANÁLISE DE ANALECTOS VII, 11

子曰、富而可求也、虽执鞭之士、吾亦为之、如不可求、从吾所好。

Tradução de James Legge, *The Chinese Classics*, Vol. 1, 1861, p. 198

“The Master said, ‘If the search for riches is sure to be successful, though I should become a groom with whip in hand to get them, I will do so. As the search may not be successful, I will follow after that which I love.’”

Tradução de Joaquim Guerra, *Quadrivolume de Confúcio*, pp. 271-273

“Disse o Mestre: ‘Se houvesse um homem instruído, que eu pudesse buscar, mesmo que ele fosse dos de chicote na mão, eu aguentá-lo-ia. Não havendo a quem buscar, ficarei com os de costume.’”

Nesta passagem, que, em algumas edições se encontra no parágrafo 12 do capítulo VII, a tradução de Joaquim Guerra diverge completamente da totalidade das demais traduções. Trata-se de uma passagem originalmente muito problemática em que

a engenhosidade do método de tradução de Joaquim Guerra demonstra todo o seu acerto.

Inicialmente vejamos como a tradição literária neoconfuciana coloca a questão, tal como expresso por Zhuxi 朱熹 no seu *Sishu zhangju jizhu* 四书章句集注 (Comentários a Secções e Parágrafos dos Quatro Livros), que assim interpreta a passagem em exame:

好，去声。执鞭，贱者之事。设言富若可求，则虽身为贱役以求之，亦所不辞。然有命焉，非求之可得也，则安于义理而已矣，何必徒取辱哉？苏氏曰：「圣人未尝有意于求富也，岂问其不可求哉？为此语者，特以明其决不可求尔。」杨氏曰：「君子非恶富贵而不求，以其在天，无可求之道也。」

“O ideograma 好 está aqui no quarto tom (significando gostar). Segurar o chicote é considerado uma coisa vil. Falando de riquezas, se fosse possível (eticamente) obtê-las, então eu o faria mesmo que tivesse que fazer um serviço mesquinho. Mas certamente havendo o Dever do Céu (命) não seria possível obtê-las sem violar os princípios da justiça. E para que desgraçar-se em vão?

O sábio Su Shi 苏氏 disse: ‘O homem virtuoso não tem nenhuma intenção de buscar riquezas. Qual é então a razão de perguntar se ele pode ou não? Ora, quem discorre sobre isso, fá-lo-á propositadamente para que se entenda terminantemente que não se deve buscá-los, e é tudo.’

O sábio Yang Shi 杨氏 disse: ‘O homem nobre não desgosta das riquezas e das honras mas não as busca por causa dos seus deveres para com o Céu. É uma via que não pode ser percorrida porque contrária à ética.’”¹

No contemporâneo *Xinyi Sishu duben* 新译四书读本 (Compêndio dos Quatro Livros), a paráfrase explicativa em chinês moderno da passagem de Confúcio, segue a mesma orientação neoconfuciana: 孔子说：富如果可以求得的话，就是执鞭这种微贱的事，我也干啊，如不可以求得还是从我所喜爱的去做吧。(p. 111)

Confúcio disse: “Riqueza, se puder ser obtida, então eu pegaria um chicote, esta actividade mesquinha, eu actuaria! Se não puder ser obtida, então eu seguindo o que gosto, vou fazê-lo.”

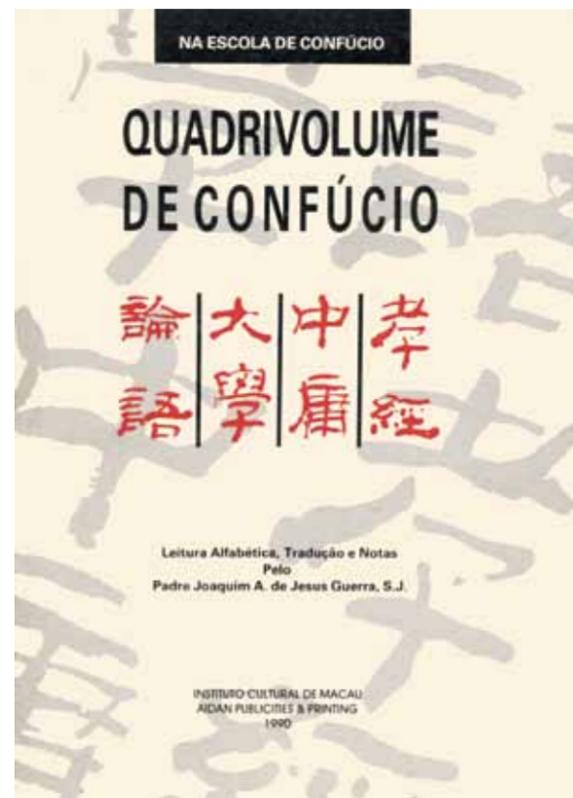
Em síntese, a interpretação tradicional aponta para duas possibilidades: a riqueza não pode ser obtida

sem violar princípios morais ou a riqueza não pode ser obtida pelo esforço humano pois depende do destino.² Assim escreve Edward Slingerland em nota à sua tradução de *Analectos* VII, 11:

“Again we have the idea that the gentleman does not pursue externalities. Some commentators see this passage as a comment on fate: wealth cannot be pursued because its acquisition is subject to fate. As in 7.16, however, there seems to be more of a normative edge here: the acquisition of wealth is indeed subject to fate, but is also in itself an unworthy object of pursuit. The point here is more about rightness than fate.” (Slingerlang, 2003, p. 68, nota).

Nessas duas concepções relacionados à riqueza, encontramos nos *Analectos* e em Mêncio³ diversas passagens que reafirmam essas posições, como, por exemplo, em *Analectos* IV, 5:

“Disse o Mestre: ‘Riqueza e honra é o que os homens desejam. Mas, se não for por meios honestos, não se podem procurar. Pobreza e humildade é o que os homens detestam. Mas não sendo por meios honestos, não se podem evitar.



TRADUÇÃO

TRANSLATION

Se o cavalheiro abandona a humanidade, mas cumpre com seu nome.

O cavalheiro nem pelo espaço de uma refeição, pode descurar a humanidade. Se tudo corre bem, mantém-se na humanidade; e, se cai em baixo, mantém-se ainda na humanidade”. (Guerra, *Quadrivolume de Confúcio*, pp. 177-179)

No entanto, o que é particularmente estranho na passagem em exame, é que Confúcio cogite abandonar o caminho da virtude como se este fosse secundário. Teríamos aqui um Confúcio fáustico que, não podendo obter a sabedoria, demanda ao menos a riqueza. O problema é que aqui não se trata de uma reposta irônica, ao contrário do que acontece em *Analectos* IX, 2:

“Disse alguém do povinho da rua: ‘Olhem que grande o Sr. Confúcio! Com tanta ciência não chega a arranjar fama’.

O Mestre ouviu e disse para os discípulos: ‘Não sei que profissão hei-de ter. Vou ser cocheiro ou atirador? Vou-me fazer cocheiro’”. (Guerra, *Quadrivolume de Confúcio*, p. 327)

Na entrevista concedida ao Pe. Henrique Rios dos Santos e publicada na revista *Asia Nostra*, Joaquim Guerra dá grande destaque ao problema de tradução de *Analectos* VII, 11 e recoloca as linhas gerais de seu método de tradução:

“James Legge – escocês, missionário protestante, em Malaca e depois em Hong Kong, mas com uma imprensa em Macau, era o meu mais fiel companheiro e li tudo sobre ele. Curiosamente há 100 anos de diferença entre as nossas traduções. A certa altura comecei a encontrar com traduções que a mim me não satisfaziam. Como sabe, em qualquer tradução uma frase tem de estar ligada à anterior e à posterior, senão fica fora de contexto. Além disso deve estar de acordo com o pensamento do autor. Por exemplo [na tradução de Legge]: Confúcio diz: ‘Se a riqueza estiver ao meu alcance, eu vou-me a ela’.

Ora, isto é muito estranho se tivermos em consideração que Confúcio era um homem desprendido, diríamos nós hoje, um homem de uma pobreza quase evangélica. Como é que então o fazem dizer isto? Isto estará mal traduzido. O texto que segue é igualmente de tradução difícil, mesmo até mal traduzido; é um disparate: ‘Ainda que seja preciso andar com um chicote a tocar cavalos’.

Ora, primeiro, isto não é modo de enriquecer, ser cocheiro. A não ser que haja outro sentido para o carácter *fu* 富. Vali-me do meu Dicionário – feito a partir dos melhores dicionários – e encontrei que o carácter *fu* normalmente quer dizer ‘homem rico, com riqueza’, mas também quer dizer ‘homem entendido, com conhecimento’. Ora cá está: ‘Se houver um homem entendido, de grandes conhecimentos, com quem eu possa aprender, eu vou lá ter com ele, e aprenderei ainda que tenha de apanhar duas ou três chicotadas do mestre’. Parece ou não mais razoável e de acordo com o pensamento e vida que sabemos de Confúcio levou?” (Guerra, *Quadrivolume de Confúcio*, p. 40)

Nos dicionários recentes não se encontra mais esse sentido específico de *fu*, mas alguns ainda registam expressões ligada à ideia de “riqueza de conhecimento”. Assim, no dicionário de Mathews, encontramos a expressão *xue fu zhe* 学富者 significando “a learned man; one rich in scholarship” (1969, p. 289, verbete 1952). No dicionário de Lin Yutang⁴ também encontramos a expressão *xue fu* 学富 significando “rich in learning” seguida pelo termo *wu che* 五车, literalmente “cinco carroças”, que remete para a seguinte passagem de *Zhuangzi* 庄子 (Mestre Zhuang)⁵ na qual se louva a sabedoria de Hui Shi: “*hui shi duo fang, qi shu wu che* 惠施多方, 其书五车 (Hui Shi had many ingenious notions. His writings would fill five carriages)” (Legge, 1891, “Sacred Books of the East”, Vol. XL, p. 229). No *Grand dictionnaire Ricci de la langue chinoise*, associado ao carácter *fu*, encontramos, entre outras, a expressão *fu zai yan hu* 富哉言乎 significando “*comme ses paroles sont riches de sens!*” (2001, Vol. II, p. 689, verbete 3583). Por fim, o famoso dicionário *Kangxi* (*Kangxi zidian* 康熙字典), elaborado na dinastia Qing (1644-1912) por ordem do imperador Kangxi (1662-1723), além dos conhecidos significados de riqueza, rico, etc., também regista a expressão *wen zhang hong fu* 文章宏富 com o sentido de “um ensaio magnífico diz-se riqueza” (*Kangxi zidian*, pp. 288-289).⁶

Ao utilizar um sentido mais raro para o carácter *fu*, como “rico em conhecimento”, Joaquim Guerra pode então traduzir o carácter *shi* 士 com o seu sentido pleno: “erudito, cavalheiro, oficial” (Mathews, 1969, p. 804, verbete 5776) para quem o chicote *bian* 鞭 é símbolo de autoridade e rigor. Aqueles que empregam *fu*

com o sentido usual de “riqueza material” são obrigados a rebaixar artificialmente *shi*, utilizando para isso o chicote como mero instrumento de ofício que se deduz vil e mesquinho.

Comparando as principais traduções dos *Analectos*, percebe-se que todas elas, anteriores e posteriores à tradução de Joaquim Guerra, seguem a

interpretação neoconfuciana, procurando acomodar de diferentes formas a tradução do texto original ao pensamento confuciano que valoriza a sabedoria e não a riqueza. Até o próprio Ku Hung-ming (Gu Hongming 辜鸿铭), tão perspicaz em outros textos, foi envolvido pelo tradicionalismo neoconfuciano. Vejamos alguns exemplos:⁷

Intorcetta, Herdtrich, Rougemont e Couplet
Confucius Sinarum Philosophus
1687

Confucius insanos hominum conatus in coacervandis opibus perstringens ait: Divitiae si quidem pollunt humanis viribus industriisque obtineri; ad eas obtinendas, vel Agasonem, si necesse fuerit ego quoque agerem. Si copiae & opes non pollunt humanis viribus industriisque comparari, sed a solo coelo dependeant: sequar scilicet ipse quod amo, & pollum, lumen, inquam, ductumque rationis a coelo mihi inditum.
1687, Libri Tertius, Pars Quarta, p. 38 [pdf 297]

Confúcio em relação aos homens insensatos que se esforçam em acumular, criticando-os, disse: Se possível fosse obter riquezas pelas forças e destrezas humanas, eu faria até de lacaio se necessário. Como a abundância e a opulência não podem ser obtidas pelas forças e destrezas humanas, mas dependem exclusivamente do Céu, segue-se então que o que é próprio do que amo, possuo e posso, a luz, sim, é conduzida pela razão ditada pelo Céu.

François Noël
Sinensis imperii libri classici sex
1711

Confucii effatum: Si divitiae humanis viribus quaeri possent, ego ad illas quaerendas, ne mulionem quidem agere detrectarem. Cum vero sic quaeri non possint, pendeantque ab una Caeli providentia, uni ego sequendae rationi, qua multum delector, diligenter vaco.
1711, p. 119 [pdf 153]

Confúcio disse: Se as riquezas pudessem ser procuradas pelas forças humanas, eu o faria mesmo que tivesse de me degradar ao mister de cocheiro. Como não podem sê-lo, já que dependem da providência do Céu, eu me dedico diligentemente a seguir aquilo que me apraz.

Joshua Marshman
The Works of Confucius
1809

Chee says, Could riches be invariably obtained by seeking, although an employment were low, I myself would engage therein. But as they cannot be obtained by seeking, follow that which I esteem worthy of pursuit.
1809, p. 445 [pdf 495]

Guillaume Pauthier
Confucius et Mencius: les quatre livres de philosophie morale et politique de la Chine
1841

Le Philosophe dit: Si, pour acquérir des richesses par des moyens honnêtes, il me fallait faire un vil métier, je le ferais; mais si les moyens n'étaient pas honnêtes, j'aimerais mieux m'appliquer à ce que j'aime.
1841, p. 108 [pdf 145]

O filósofo diz: Se, para adquirir riquezas por meios honestos, me caberia fazer um emprego vil, eu o faria; mas se os meios não forem honestos, eu gostaria mais de me aplicar ao que amo.

TRADUÇÃO

TRANSLATION

| | |
|---|---|
| James Legge <i>The Chinese Classics</i> 1861 | <i>The Master said, "If the search for riches is sure to be successful, though I should become a groom with whip in hand to get them, I will do so. As the search may not be successful, I will follow after that which I love."</i> 1861, Vol. 1, section 2, p. 62 [pdf 251] |
| Séraphin Couvreur <i>Les Quatre Livres</i> 1895 | <i>Le Maître dit: – S'il convenait de chercher à amasser des richesses, fallût-il, pour y parvenir, remplir l'office de valet qui tient le fouet, je le remplirais. Mais tant qu'il ne convient pas de les rechercher, je poursuis l'objet de mes désirs (La sagesse).</i> 1895, Vol. III. Entretiens de Confucius et de ses disciples, p. 50 O Mestre disse: Se fosse conveniente buscar o acúmulo de riquezas (e necessário para consegui-las) ocupar o cargo de servo que segura o chicote, eu o ocuparia. Mas já que não convem buscá-las, eu sigo o objecto de meus desejos (a sabedoria). |
| Ku Hung-Ming <i>The Discourses and Sayings of Confucius</i> 1898 | <i>Confucius once remarked, "If there is a sure way of getting rich, even though one had to be a groom and keep horses, I would be willing to be one. But as there is really no sure way of getting rich, I prefer to follow the pursuits congenial to me."</i> Reprint 1976, p. 50 |
| Arthur Waley <i>The Analects of Confucius</i> 1938 | <i>The Master said, If any means of escaping poverty presented itself that did not involve doing wrong, I would adopt it, even though my employment were only that of the gentleman who holds the whip. But so long as it is a question of illegitimate means, I shall continue to pursue the quests that I love (the study of the Ancients).</i> 5.ª ed., 1964, p. 125 |
| Ezra Pound <i>Confucius</i> 1950 | <i>He said: If I could get rich by being a postillion I'd do it; as one cannot, I do what I like.</i> 1969, p. 220 |
| James S. Ware <i>The Sayings of Confucius</i> 1955 | <i>If one could seek the higher goal through riches, I would follow that way even if it meant being a carriage driver. Since it cannot be sought thus, I will continue to follow the way of the ancients, which I love.</i> Reprint 1958, p. 62 |
| D. C. Lau <i>The Analects</i> 1979 (1.ª ed. em inglês) | O Mestre disse: "Se a riqueza fosse um objecto decente, eu, para obtê-la, estaria disposto até mesmo a trabalhar como zelador do lado de fora do mercado, com um chicote na mão. Se não é, devo seguir minhas próprias preferências." 2006, p. 92 |
| Anne Cheng <i>Les Entretiens de Confucius</i> 1981 (1.ª ed. em francês) | Diz o Mestre: Se fosse possível enriquecer sem compromissos, tivesse eu de candidatar-me a palafrenero, manejando o chicote, seria o primeiro a fazê-lo. Mas como não é este o caso, permanecerei no caminho que sei de cor. 1983, p. 67 |

| | |
|--|--|
| Simon Leys <i>The Analects of Confucius</i> 1997 (1.ª ed. em inglês) | O Mestre disse: "Se buscar a riqueza fosse um objecto decente, também eu a buscaria, mesmo que tivesse de trabalhar como zelador. Como as coisas são, prefiro seguir minhas inclinações." 2005, p. 33 |
| E. Bruce Brooks & A. Taeko Brooks <i>The Original Analects: A New Translation and Commentary</i> | <i>If wealth could be had for the seeking, though it were only as some officer who holds the whip, I too would do it. But if it cannot be had, I will follow what I love.</i> 1998, p. 41 |
| Roger T. Ames & Henry Rosemont Jr <i>The Analects of Confucius: A Philosophical Translation</i> 1999 | <i>The Master said: "If wealth were an acceptable goal, even though I would have to serve as a groom holding a whip in the marketplace, I would gladly do it. But if it is not an acceptable goal, I will follow my own devices."</i> 1999, p. 113 |
| Philip J. Ivanhoe & Bryan W. Norden <i>The Analects in Readings in Classical Chinese Philosophy</i> 2003 | <i>The Master said, "If wealth could be pursued in a proper manner, I would pursue it, even if that meant serving as an officer holding a whip at the entrance to the marketplace. If there is no proper manner in which to pursue it, however, then I would prefer to follow that which I love."</i> 2003, p. 20 |
| Edward Slingerland <i>Confucius Analects with Selections from Traditional Commentaries</i> 2003 | <i>The Master said: "If wealth were something worth pursuing, then I would pursue it, even if that meant serving as an officer holding a whip at the entrance to the marketplace. Since it is not worth pursuing, however, I prefer to follow that which I love."</i> 2003, p. 68 |
| Giorgio Sinedino <i>Os Analectos</i> 2012 | O Mestre disse: "Se a riqueza fosse algo que devesse buscar, mesmo que [para isso] eu tivesse de me tornar um shi [que anda de] chicote na mão, eu me tornaria um. Se não é algo que se deve buscar, eu faço o que gosto". 2012, p. 223 |

O método de Joaquim Guerra pode ser resumido da seguinte forma: quando o sentido não condiz com a personalidade e o pensamento já claramente expresso de Confúcio, como é o caso de *Analectos* VII, 11, então deve-se rever o sentido. Neste caso, se algum ideograma pode ter outro significado, e se este se harmoniza com o corpo confuciano, então poderá ser usado. Por outro lado, se não houver um significado que se encaixe, deve-se concluir que o trecho é duvidoso e o sentido foi de certo modo perdido. Trata-se de um método ao mesmo tempo simples e engenhoso, capaz de produzir, em alguns casos, resultados bastante agudos.

Nas "Notas Críticas", Joaquim Guerra comenta assim a sua tradução de *Analectos* VII, 11, repassando

o seu método e consciente do impacto de sua descoberta:

"Para livrar a Mestre Confúcio de arriscadas ambições de riqueza, eu fui ao meu *Dicionário de Semântica*, a verificar os significados da palavra 富. Oei: 1) Rico, abastado, ter o suficiente para viver (Ter o suficiente é a 2.ª das Cinco Felicidades, como vêm no Grande Esquema, Escr. Sel. 5,4,39). 2) Valores. 3) Instruído, Mestre. Não há dúvida que este significado foi uma pista aberta, e numa direcção muito diferente. E foi uma chave que abriu logo o texto todo! 'Se houver um homem instruído ou Mestre (Phoes 富) que eu possa buscar ou convidar (e

TRADUÇÃO

TRANSLATION

xhau geo yah (而可求也), ainda que (soej 虽) ele seja dos que manejam o chicote (tjb peen tje zjv 执鞭之士) certamente (yeg 亦) que eu (nhr 吾) o aguentava (wey tje 为之). Não podendo conseguir, ficarei com os do costume (dsoq nhr sal xaow 从吾所好 dsoq nhr sal xaow)'. Isto faz bom sentido, e é honroso para Confúcio.

Lembre-mo-nos do que ele disse antes (2,4,1): 'Aos 15 anos, a minha paixão era aprender (Nhr zheb yw nhx, e tjy eu háog 吾十有五而志于学)'. Agora, já idoso e Mestre emérito, ainda estava disposto a levar alguma chicotada de um Mestre competente no saber, mas duro nos métodos, para acrescentar os seus conhecimentos!

Na hipótese de eu ter feito uma boa descoberta, direi que vale a pena meter-se ao mar, para descobrir ilhas destas." (Guerra, *Quadrivolume de Confúcio*, pp. 289-291)⁸

A questão do chicote pode ser lida ainda como um símbolo de cunho paternal, pois o ideograma *fu* 父 "pai", homófono de *fu* 富, é composto de "mãos" e "chicote". Tanto a orfandade de Confúcio, ocorrida em tenra idade, quanto a expectativa de um sábio verdadeiramente santo, unindo a perfeição intelectual e a perfeição moral, ecoam nessa passagem dos *Analectos*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto às traduções de Joaquim Guerra, embora do ponto de vista do resultado estético estas não tenham o mesmo brilho das de outros tradutores e a sua utilização de algumas formas dialectais as tornem por vezes dificultosas, são bastante precisas e inovadoras quanto ao sentido dos textos. Isto se deve principalmente ao seu engenhoso método de tradução, que procura empregar outros significados mais raros dos ideogramas quando estes se harmonizam melhor com o pensamento confuciano. Tal se aplica no caso de passagens cuja interpretação usual da tradição neoconfuciana seja vaga ou até incongruente, ou ainda nos casos em que as traduções ocidentais se apresentem desarticuladas ou excessivamente trivializadas.

Desse modo, o método de Joaquim Guerra comporta uma boa dose de intuição e ousadia, aspectos que o filósofo Max Scheler (1874-1928) articula no plano ético da humildade:

"Este caminho, que leva a se perder a si mesmo, para ganhar novamente em Deus, no plano ético

se chama humildade, e no plano intelectual intuição pura. Tal desobstrução é o risco mais extremo, e, ao mesmo tempo, para o ser da alma mesma, o movimento aberto à existência da ousadia." (Scheler, 1994, p. 31)

O melhor exemplo disso, é a passagem de *Analectos* VII, 11, cujo ineditismo da tradução de Joaquim Guerra frente a mais de dois mil anos de existência do confucionismo e pelo menos trezentos anos de uma sinologia enciclopédica é realmente admirável. O tradutor português demonstra ainda uma extrema agudeza na reconstrução do sentido original do texto, partindo apenas do uso raro de um ideograma, tal como na expressão latina *Ex ungue leonem*.⁹

Esta tradução de Joaquim Guerra está em perfeito acordo com a tradição confuciana. Os mestres estavam no passado quando receberam a tradição primordial instruídos por Shang Di 上帝. Na época de Confúcio, esses mestres já não se encontravam mais. Por isso, todo o empenho de Confúcio foi o de recuperar e conservar a tradição primitiva. Desta forma, no mesmo capítulo VII, dos *Analectos*, assim Confúcio se pronuncia:

子曰：「述而不作，信而好古，窃比于我老彭。」

"Disse o Mestre: 'Imitador, não inventor; com fé na antiguidade e amor dela; tomo a liberdade de me chegar para a banda dos nossos Maiores.'" (*Analectos* VII, 1, Guerra, *Quadrivolume de Confúcio*, p. 269)

子曰：「我非生而知之者，好古，敏以求之者也。」

"Disse o Mestre: 'Eu não sou um homem que nasci a saber as coisas. Mas gosto da Tradição e aplico-me a conhecê-la.'" (*Analectos* VII, 19, Guerra, *Quadrivolume de Confúcio*, p. 275)

Finalmente, o nexa entre essa tradição ancestral, transmitida de geração em geração, e a revelação primitiva aparece de forma muito concisa no *Zhongyong* 中庸 (Doutrina do Meio) XX, 7:

思知人，不可以不知天。

"Ora, se se não-de conhecer as pessoas, também não se pode deixar de conhecer a Deus." (Guerra, *Quadrivolume de Confúcio*, pp. 797-799)

Ou seja, é necessário conhecer tudo aquilo que Deus decretou e revelou. Todo esse encadeamento lógico está claramente expresso logo no início do *Zhongyong* I, 1: "O que é dado por Deus (*tianming* 天命) é o que

chamamos natureza humana (*xing* 性). Cumprir a lei de nossa natureza humana é o que chamamos lei moral (*dao* 道). O cultivo da lei moral é o que chamamos cultura (*jiao* 教)." (Lin Yutang, s.d., Vol. 2, p. 288).¹⁰ Portanto, a tônica do pensamento conservador de Confúcio é essencialmente religiosa e ligada ao monoteísmo chinês primitivo. Esse conservadorismo constitui-se numa tradição viva e actualizada pelos Ritos, como também vemos no *Zhongyong* XXVII, 6:

温故而知新，敦厚以崇礼。

"Repassando o antigo, ele percebe o novo; e honra os Ritos generosamente." (Guerra, *Quadrivolume de Confúcio*, p. 815)

Ainda no caso de *Analectos* VII, 11, aquele mestre buscado por Confúcio e cuja severidade é simbolizada

pelo uso do chicote, reflecte o rigor com que este desejava ser examinado. Não havendo um outro que pudesse corrigi-lo, Confúcio deve-se contentar com aquilo que é sabidamente bom: os Clássicos como mestres redivivos do passado, lembrando aqui a máxima do Pe. António Vieira (1608-1697): "O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive". No entanto, a passagem de *Analectos* VII, 11 é também, na voz de Confúcio, o lamento de uma época de grande decadência política e social, como é o final da dinastia Zhou, repetindo a interrogação aflitiva do Eclesiastes:

"Quem aplicará açoites aos meus pensamentos e no meu coração infundirá a Sabedoria, para que não me poupem nos meus erros e não apareçam meus delitos?" (Eclesiastes 23, 2) 

NOTAS

- 1 Edição electrónica disponível em: <http://ctext.org/si-shu-zhang-ju-ji-zhu>. Acesso em 28/09/2013.
- 2 Cf. o provérbio *fu gui zai tian* 富贵在天 – "riquezas e honrarias dependem do Céu".
- 3 Vide por exemplo o importante discurso sobre a virtude da justiça no Livro VI, Seção A, Capítulo 10 (Guerra, *As Obras de Mêncio*, pp. 551-555).
- 4 Edição electrónica disponível em: <http://humanum.arts.cuhk.edu.hk/Lexis/Lindict/>. Acesso em 29/9/2013.
- 5 Parte III, Capítulo 11.
- 6 Edição electrónica disponível em: <http://www.kangxizidian.com>. Acesso em 29/9/2013.
- 7 Indicamos na primeira coluna o tradutor e ano da primeira edição. Na segunda, reproduzimos o texto da tradução original ou a tradução

da edição brasileira (quando disponível). Para os textos em latim e francês, é providenciada uma tradução em português.

- 8 Obs.: 1) Nesta citação acrescentamos os caracteres chineses nos trechos entre parêntesis contendo a pronúncia no sistema desenvolvido por Joaquim Guerra; 2) A definição de *fu* 富 está na página 518 do *Dicionário Chinês-Português de Análise Semântica Universal* (1981). "pela unha (se reconheceu) o leão".
- 9 Utilizamos aqui a bela tradução em português incluída na antologia *Sabedoria da China e da Índia* (s.d.) organizada por Lin Yutang. Este por sua vez, utilizou a tradução do *Zhongyong* 中庸 para o inglês feita por Ku Hung-ming (Gu Hongming 辜鸿铭). Importante notar que em Confúcio a palavra *dao* 道 não possui o sentido de absoluto e transcendente como em Laozi 老子, mas o sentido de lei ou norma moral.
- 10

BIBLIOGRAFIA

- Bruxo, Jorge Baptista (2004). *Padre Joaquim Guerra: Uma Biografia Intelectual*. Macau: Universidade de Macau, 2004.
- Guerra, Joaquim A. de Jesus (1981). *Dicionário Chinês-Português de Análise Semântica Universal*. Macau: Jesuítas Portugueses. ----- (1984). *As Obras de Mêncio*. Macau: Jesuítas Portugueses. ----- (1984). *Quadrivolume de Confúcio*. Macau: Jesuítas Portugueses. ----- (1994). "Entrevista concedida ao Pe. Henrique Rios dos Santos S.J.". *Ásia Nostra*, Macau: Instituto Português do Oriente, n.º 1, pp. 35-43, Maio de 1994.
- Instituts Ricci de Paris et de Taipei (2001). *Grand Dictionnaire Ricci de la langue chinoise*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Legge, James (1861). *The Chinese Classics*. Londres: Trubner & Co, 1861, 7 volumes.
- Lin Yutang (s.d.). *Sabedoria da China e da Índia*. Rio de Janeiro: Pongueti.
- Mathews, R. H. *Chinese-English Dictionary*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1969.

- Menezes Jr., Antonio José Bezerra de (2013). *Joaquim Guerra S.J. (1908-1993): Releitura universalizante dos Clássicos Chineses*. São Paulo. Tese de doutoramento, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Santos, Henrique Rios dos (2008). *Padre Joaquim Angélico Guerra, S.J.: Um Globetrotter ao Serviço de Deus e da China*. Macau: Instituto Internacional Macau.
- Sprovierio, Mario Bruno (1998). "Confúcio e a revelação primitiva". In *Mirandum: Estudos e Seminários*, ano 2, n.º 5, Maio-Agosto de 1998. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirand5/mario.htm>. Acesso em: 04/06/2013.
- (2006) "Alguns tópicos e problemas de tradução da língua chinesa". In *Revista de Estudos Orientais*, São Paulo, n.º 5, Abril de 2006, pp. 37-58.
- Xie Bingyin 谢冰莹 (2009). *Xin yi Sishu duben* 新译四书读本. Taipé: Sanmin shuju. [1966]
- Wilhelm, Richard (1986). *Confúcio*. Madrid: Alianza Editorial.